

Tenho vivenciado empatia como uma abertura pra me deixar afetar pelo outro, me deixar atravessar pelo que a outra pessoa sente, mas sem me deixar habitar e sem pretender habitá-la; uma abertura fundamentada na ideia da interdependência e na consciência de que aquilo que existe no outro e o constitui humano, como os sentimentos e necessidades, coexiste em mim. Neste ponto de vista, empatia é tanto recepção quanto ação, é acolhimento e respeito, naquele sentido de olhar de novo, e de novo, até me reconhecer naquilo que me une à outra pessoa e ser capaz de ouvi-la deste lugar, por mais desafiador que seja.

Virou algo banal falar de empatia ultimamente mas, mesmo assim, me arrisco a dar meu palpite. Faz quase quatro anos que eu investigo deliberadamente a empatia, além de muitos outros anos de formação e prática sólidas como terapeuta de base humanista, abordagem fortemente fundamentada neste conceito. Ao longo deste tempo, me parece fazer cada vez mais sentido pensar que o prefixo "em" (dentro), que faz muita gente pensar num movimento em direção aos sentimentos (pathos) que se manifestam dentro de outra pessoa, tem muito mais a ver com um movimento pra dentro DE MIM MESMA. Uma investigação daquilo que se move em mim enquanto acompanho o processo de experiência da pessoa com quem me proponho estar empaticamente. "Hum, isso talvez seja tristeza, eu sei o que é porque já senti". Mas, como o que acontece dentro da outra pessoa é totalmente inacessível pra mim, a não ser que ela me conte (qualquer outra possibilidade é apenas um exercício de imaginação), eu vou lá e pergunto: "Isso te deixa triste?". Talvez eu nunca tenha passado por uma experiência nem remotamente semelhante à que ela esteja vivendo, mas sinto parecido, porque sou gente igual. As vezes eu acerto, as vezes não. Mas estar lá, com essa qualidade de atenção, cria um campo de interação no qual se torna possível acessar aquilo que é comum ao nós, como viventes e compartilhantes da mesma Vida, que se manifesta de formas diferentes em cada uma de nós, mas que busca a mesma coisa em todos os seres vivos: fluir, em plenitude.

SOBRE EMPATIA, REPRESSÃO E TRANSGRESSÃO COMO NECESSIDADE

No último domingo tivemos uma de nossas rodas de empatia. Esta foi a terceira vez em que nos reunimos no Centro Cultural São Paulo e, ao chegarmos e encontrarmos outras pessoas que estavam lá para participar, nos dirigimos para o mesmo cantinho que havíamos escolhido das outras vezes. Talvez - por gentileza, acrescente ironia aqui - a constituição demográfica bastante peculiar do nosso pequeno grupo tenha algo a ver com o que aconteceu depois: cinco adolescentes (sendo dois homens negros, um de origem oriental, uma mulher de origem oriental e uma branca, nenhum deles com mais de 18 anos), três mulheres brancas de meia-idade e duas mulheres negras. Por algum motivo me afastei do grupo e, ao voltar, vi que havia um segurança conversando com as pessoas que estavam comigo. Ao me aproximar, fiquei sabendo que não poderíamos ficar naquele lugar, perto do qual outros pequenos grupos e casais de namorados já se encontravam. Notemos que o espaço estava mais cheio de pessoas do que de costume, devido às várias atividades da Virada Sustentável que aconteciam simultaneamente lá. Ao conversar com o segurança e procurar entender a razão de não poderemos ocupar aquele espaço, ouvi algo que gostaria muito de não ter ouvido, num tom de quem buscava cumplicidade: "Sabe como é, tem essa exposição de arte aqui (sim, havia

uma exposição, mas nós iríamos ficar atrás da parede móvel que abrigava uma única obra de arte) e ‘eles’ (certamente se referindo aos adolescentes) podem acabar encostando e estragando alguma coisa”. Não interessava a ele o que iríamos fazer, o que interessava é que não poderíamos fazê-lo naquele lugar. Respondi que nós sabíamos da exposição e que nenhuma de nós encostaria em nada, mas ainda assim não nos foi permitido ficar lá. “Estou seguindo ordens, e se eu deixar vocês ficarem posso ter problemas”. A bem conhecida Amtssprache* cotidiana. Perguntamos se poderíamos ficar do outro lado, a resposta novamente foi negativa: “Lá também tem exposição”. Notei que a pessoa por baixo da farda começou a ficar inquieta e começou a surgir um desejo de nos ajudar: “Lá embaixo é muito barulhento, né?”. “Sim, é”. Depois de uma longa hesitação, ele encontrou um lugar para ficarmos. Um local até bem melhor do que aquele em que queríamos ficar, mais amplo, mais visível, o que possibilitaria que outras pessoas se aproximassem e participassem da roda. Era também um lugar onde havia uma câmera de segurança por perto. Nos instalamos lá, sentadas no chão, em círculo. Sempre levo um objeto que marca o centro do círculo, e desta vez levei um pequeno arranjo com uma vela que, obviamente, não seria acesa em um espaço fechado. Notei que havia um bombeiro perto de nós e disse isso para o grupo, em tom de brincadeira. Uma de nós brincou também: “Então, vamos só imaginar que a vela está acesa”. Em poucos instantes, dois outros seguranças se aproximaram: “A câmera de segurança viu que vocês estão com uma vela acesa aqui dentro, e isso é proibido!”, disse um deles, ainda que estivesse vendo a vela apagada. Outra de nós pegou a vela na mão e mostrou a ele: “A vela está apagada, olha!”. Notei um olhar de perplexidade trocado entre os dois homens que ocupavam a função de zelar pelo espaço. Afinal, a entidade-toda-poderosa-câmera-de-segurança mentiu. Eles se afastaram, um tanto sem jeito. Mas, ao longe, o primeiro vigia continuava atento, sentado em um banquinho, olhando diretamente para nós. Não foi a toa que o tema que permeou as conversas em nossa roda foram as pequenas transgressões que cometemos no dia-a-dia. Jeitos de nos manter minimamente sãs em uma sociedade de controle. Outras pessoas se juntaram a nós. Olhares de incredulidade e muitas risadas surgiram entre as mais jovens quando nós, pessoas mais velhas, compartilhamos divertidamente nossas histórias de transgressão. Foi bom poder contar a elas que o tempo passa, mas aquela energia adolescente que nos move e move o mundo continua viva, nos unindo no desejo de questionar e de transformar. Bom também constatar mais uma vez que a escuta atenta, o humor e o senso de absurdo continuam sendo forças poderosas que nos apoiam na subversão desta realidade que não queremos mais. E é deste lugar que nasce a arte, a mudança social, a vida que merecemos viver.

*Amtssprache, é uma palavra alemã que significa “língua oficial”, e pode ser traduzida também por “língua de escritório” ou “burocratês”. A filósofa Hannah Arendt utilizou este termo para referir-se à posição dos oficiais nazistas que, quando questionados sobre seus crimes de guerra, diziam que estavam cumprindo ordens superiores. É um modo de linguagem que nega e transfere a responsabilidade por nossos atos.